
REPERCUSSÕES DA AFASIA E DAS PARAFASIAS NO ESTUDO DE CASO DO SUJEITO RG³⁹

Iva Ribeiro Cota
(UESB)

Nirvana Ferraz Santos Sampaio*
(UESB)*

RESUMO

Com o objetivo de avaliar a linguagem em funcionamento no sujeito afásico RG, observando suas dificuldades do ponto de vista da Neurolinguística Discursiva, analisa-se dados da afasia e das parafasias evidenciadas por meio do acompanhamento longitudinal. Destaca-se que a afasia e as parafasias, mesmo que persistam na trajetória deste sujeito, podem encontrar uma direção por meio do favorecimento de alternativas para reelaborá-las. Dessa forma, o que se compartilha com o sujeito afásico refletirá em experiência para ele, pois engloba os meios de significação construídos com o outro e que compõe o círculo que envolve a língua e a linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem; Sujeito; Parafasia.

INTRODUÇÃO

Ao deparar com o histórico vivido por RG, 35 anos, que apresenta, segundo diagnóstico médico, a afasia como seqüela de um acidente vascular cerebral isquêmico, questiona-se: Quais as particularidades da

³⁹ Este trabalho está vinculado ao financiamento do CNPq processo 471384/2010-0.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Integrante do Grupo de Pesquisas e Estudos em Neurolinguística (GPEN), cadastrado no CNPq/UESB.

** Professora Doutora em Linguística pela UNICAMP, lotada no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da UESB. Líder do Grupo de Pesquisas e Estudos em Neurolinguística (GPEN), cadastrado no CNPq/UESB.

afasia do sujeito em questão? O que se pode argumentar sobre as evidentes parafasias que marcam a fala deste sujeito?

Considera-se, segundo Coudry (1988), que a afasia caracteriza-se por alterações de processos linguísticos de significação de origem articulatória e discursiva produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associarem a alterações de outros processos cognitivos. Partindo de uma perspectiva linguística, um sujeito é afásico quando o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação.

O que se objetiva é estudar este caso de afasia do ponto de vista da Neurolinguística Discursiva (ND), levantando os sintomas linguísticos concernentes a esta situação, argumentando sobre afasia, mais precisamente, sobre as parafasias evidentes na fala deste sujeito e analisando a reestruturação do funcionamento da sua linguagem.

A hipótese que orienta este trabalho defende que língua oferece recursos que possibilitam aos sujeitos afásicos a mobilização das suas dificuldades e a linguagem, que permeia o humano, permite a utilização de sistemas alternativos de significação. Reforça-se que o papel das interações neste processo valoriza a subjetividade.

Para fundamentar esse estudo de caso de afasia, toma-se com criticidade as discussões propostas, principalmente, por Freud (1891), Saussure (1916), Jakobson (1969; 1970), Luria (1974); Coudry (1988; 2002; 2008; 2010), dentre outros trabalhos que subsidiam esta pesquisa na perspectiva da ND.

Desde o dia 1º de julho de 2011, RG tem sido acompanhada por pesquisadores do Grupo de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (GPEN), no Laboratório de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística (LAPEN), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Mestrado Acadêmico em Linguística, da Universidade Estadual do

Sudoeste da Bahia (UESB), no Espaço de Convivência entre Afásicos e não Afásicos (ECO), em atividades individuais e em grupo.

A partir dos dados do acompanhamento longitudinal aqui proposto, o que se permeia é a análise de dados do estudo de caso do sujeito RG, por meio dos “dados-achados” evidenciados à luz do suporte teórico-metodológico que embasa este trabalho.

MATERIAL E MÉTODOS

Ao delinear a base metodológica, trabalha-se com dados do estudo de caso do sujeito afásico RG, através do seu acompanhamento longitudinal, que são sistematizados a partir do referencial teórico proposto, com ênfase nos processos constituídos pelo sujeito afásico, enquanto sujeito da linguagem.

Apresenta-se um estudo de caráter qualitativo, pois, a intenção é captar o fenômeno partindo da perspectiva do sujeito envolvido. A opção por um estudo de caso, através do acompanhamento longitudinal, torna-se importante porque a pesquisa realiza um recorte da realidade e pode dar profundidade para obter uma compreensão ampliada sobre outros casos (fenômenos ou situações) similares.

O acompanhamento longitudinal é realizado em sessões de acompanhamento individual e em grupo, por um período de quatorze meses, registrado por meio de gravadores de voz e filmagens, com devida autorização do sujeito por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foram transcritos neste trabalho seguindo, com algumas adaptações, o modelo de registro do Banco de Dados em Neurolinguística (BDN) da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP.

As sessões de acompanhamento individual caracterizam-se por sessões que buscam evidenciar a forma como o sujeito em questão lida com a linguagem funcionamento depois da afasia, partindo de conversas informais, leituras, jogos, filmes, músicas, conversas ao telefone, troca de correspondências por MSN, e-mail, etc. As sessões em grupo são realizadas de forma interativa com outros sujeitos afásicos e pesquisadores com o objetivo de compartilhar e socializar experiências.

Assim, conduz-se à percepção da importância de considerar o “dado-achado” que resulta da articulação teórica a respeito do objeto em investigação juntamente com a avaliação e acompanhamento dos processos linguísticos e cognitivos envolvidos em que teoria conduz ao caminho do dado e o dado alimenta um caminho para discutir e fundamentar a teoria.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para analisar as parafasias que se evidenciam nesse caso, toma-se a situação comunicativa, com o dado intitulado “Deciderido / desconjerido / esconderijo” em que Iic (pesquisador) e RG (sujeito afásico) conversam sobre as dificuldades na fala e na escrita. Ao relatar os desafios da escrita, que, segundo ela, são semelhantes aos da fala, RG tenta descrever o impasse vivenciado com a palavra esconderijo e no momento do relato a dificuldade novamente vem à tona.

Situação Comunicativa 15/07/2011

Quadro 1: Dado 1: Deciderido / desconjerido / esconderijo

Tur no	Sigla do Locutor	Transcrição	Observaçõe s sobre condições de	Observaçõe s de condições do enunciado
-----------	------------------------	-------------	---	--

			produção do enunciado verbal	não verbal
1	Iic	Deixa eu lhe perguntar uma coisa: quando você fala em dificuldade da escrita, é por conta da coordenação motora?	Tom: interrogativo	
2	RG	Não é do mesmo jeito / a mesma dificuldade / a mesma coisa da fala. / tem palavras que... [...]	Tom: negativo	
3	Iis	Vamos lembrar? Quando uma pessoa esconde uma coisa assim?	Tom: interrogativo	Esconde um lápis embaixo do papel
4	RG	É, é / deciderido, não, é / desconjerido / não / é / é. / deciderido não é	Tom: dúvida	
5	Iic	É com e.	Tom: afirmativo	
6	RG	Peraí! ES-CON, ES-CON, ES-CON-DE-RI-JO, desconderijo,	Tom: afirmativo	Simula da escrita da palavra na mesa, ao

		esconderijo. [...]		mesmo tempo que pronuncia por sílabas, em diferentes tentativas, para evocar a palavra.
7	lic	Na hora que você fala você tem consciência?	Tom: interrogativo	
8	RG	Assim eu sei que tá errada. Entendeu? Tanto é que eu falo assim / às vezes eu paro e falo assim / não era isso, essa palavra que eu quero falar não, mainha, o negócio, qual é a palavra? / Quando a gente pega uma coisa e desconde, esconde, como é o nome? Aí ela fala: es / es / Como é o nome? Des / ES-CON-DE-RI-JO. Só que na hora e falo como se fosse uma palavra normal assim. Como se fosse	Tom: afirmativo	

		certo. Aí o problema é que ela começa rir e eu ri também. \rir		
--	--	--	--	--

A situação comunicativa transcrita no Dado 1 inicia com um questionamento feito por Iic em relação à escrita de RG. Com a frequência de pausas breves indicadas pela barra (/), percebe-se a dificuldade desse sujeito de evocar palavras para construir os sintagmas.

Nesse processo, RG chega ao turno 4 com o desafio de evocar a palavra esconderijo e revela as formas “deciderido”, “descongerido” alternadas na sua fala e que simultaneamente passam pela sua avaliação negativa “não é” demonstrando que aquela representação não condiz ao que quer expressar, pois, a representação psíquica do que foi dito é diferente do que transpareceu na fala. Saussure (1916) justifica: “a sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor.

É preciso considerar que a avaliação negativa de RG diante da escuta da sua própria fala e do estranhamento do interlocutor demonstra a necessidade de estar de acordo com a língua.

Percebe-se que o sujeito oscila entre o emprego do prefixo “de” (que dá ideia de movimento de cima para baixo) - que pode ter relação com o enunciado não verbal de Iic ao esconder o lápis debaixo do papel e do prefixo “des” (vinculado à ideia de separação, ação contrária) ao tentar evocar a palavra, em tentativas que revelam a combinação de partes que remetem a forma desejada “esconderijo”.

Ao contar com a intervenção de Iic que diz “É com e.”, no turno 5, RG faz a reorganização psíquica da palavra e recorre à simulação da escrita da palavra, no turno 6, com o intuito de organizar a sua produção e em meio a tentativas silabadas produz “es-con”, “es-con-de-

ri-jo”, oscila novamente na dificuldade com “desconderijo”, mas firma-se com esconderijo.

O sujeito RG, ao se deparar com dificuldades no eixo da seleção, supre a suas necessidades com o eixo da combinação. No turno 8, por exemplo, ao dizer: “Quando a gente pega uma coisa e desconde, esconde(...)”, demonstra ter a saída de recorrer aos recursos que a própria língua oferece para conseguir se comunicar.

Cabe destacar que para evocar a palavra na linguagem oral, RG utiliza-se, também, da escrita como uma forma de organização. Para justificar o uso desses meios, as colocações de Freud esclarecem que “nos casos patológicos é chamado em auxílio em primeiro lugar o centro que permaneceu mais eficiente”. (FREUD, 1891, p. 29) Pode-se inferir que RG recorre constantemente à simulação ou escrita da palavra que apresenta dificuldade porque sente mais segurança no terreno da escrita e, além disso, a escrita permite uma ordenação em um ambiente palpável.

O que torna imprescindível é buscar meios para que o afásico supere a sua condição afásica através do exercício constante do seu papel de sujeito da linguagem em situações de interação e reconstrução com o outro, com os recursos linguísticos e com os outros sistemas de significação.

CONCLUSÕES

Compreende-se que as parafasias, mesmo que persistam na trajetória deste sujeito, podem encontrar uma direção por meio do favorecimento de alternativas para reelaborá-las.

Nesse sentido, a linguagem deve ser interpretada não só na ordem daquilo que é dito, pressupondo uma mensagem pronta e dissociada do sujeito e do mundo, mas na ordem da relação entre os dizeres e seus

subentendidos, como um processo ativo, dinâmico, construído nas relações.

O significado da palavra e o seu entendimento dependem necessariamente da relação que se estabelece entre os sujeitos. Esses aspectos devem ser destacados no estudo do funcionamento da linguagem após ocorrências neurológicas que tornam sujeitos afásicos, pois, mesmo com as limitações que a afasia pode trazer, existem a linguagem, língua e, conseqüentemente, um sujeito.

REFERÊNCIAS

COTA, I.R., SAMPAIO, N.F.S. **A afasia e a abordagem no erro na fala e na escrita:** um estudo de caso. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/_arquivos/silel2011/637.pdf [acesso em 01 agosto de 2012].

COUDRY, M.I.H. **Diário de Narciso:** discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 205 p. Edição consultada: 2001.

_____. **Neurolingüística Discursiva:** afasia como tradução. Estudos da Língua(gem), 2008; 6: p. 9-38.

_____. O que é dado em Neurolingüística. In: CASTRO, M.F.P. (Org.). **O método e o dado no estudo da linguagem.** Campinas, SP: Editora Unicamp, 1996, p. 179-194

_____. Linguagem e Afasia: Uma abordagem discursiva da Neurolingüística. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 42, Campinas, IEL, UNICAMP, 99-129, 2002.

COUDRY, M.I.H; POSSENTI, S. Avaliar discursos patológicos. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 5, 1983, p. 99-109.

COUDRY, M.I.H.; et al. (Orgs.) **Caminhos da neurolinguística discursiva**: teorização e práticas com a linguagem. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 141-158.

FREUD, S. **A interpretação das afasias**. Lisboa: Edições 70, 1891. (Edição consultada: 2003)

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: _____. **Lingüística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1969. p. 34-62. (Edição consultada: 1999)

_____. A afasia como um problema lingüístico. In: LEMLE, M. (Org.). **Novas perspectivas lingüísticas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970, p. 43-54.

LURIA, A.R. **Fundamentos de Neuropsicologia**. Tradução de Juarez Aranha Ricardo. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974. 344p. (Edição consultada: 1984)

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. 27. ed. Rio de Janeiro: Cultrix, 1916. 279 p. Edição consultada: 2006.